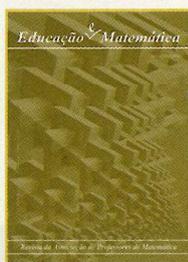


n.º 77
Março/
Abril
de 2004



EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Directora
Ana Paula Canavarro

Subdirectora
Adelina Precatado

Redacção
Alice Carvalho
António Fernandes
Elisa Figueira
Fátima Guimarães
Helena Amaral
Helena Fonseca
Helena Rocha
Isabel Rocha
Joana Brocardo
Lina Brunheira
Manuela Pires
Maria José Boia

Colaboradores Permanentes
A. J. Franco de Oliveira

Matemática
Branca Silveira
“Tecnologias na Educação Matemática”

José Paulo Viana
“O problema deste número”

Lurdes Serrazina
A matemática nos primeiros anos
Maria José Costa

História e Ensino da Matemática
Rui Canário
Educação

Paginação e Pré-Impressão
Gabinete de Edição da APM

Entidade Proprietária
Associação de Professores de
Matemática

Rua Dr. João Couto, 27-A,
1500-236 Lisboa

Tiragem
5000 exemplares

Periodicidade
Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,
Set/Out e Nov/Dez

Impressão
Gráfica Torriana
Fonte Santa, Paúl
2580-250 Torres Vedras

N.º de Registo ICS: 124051
N.º de Depósito Legal: 72011/93

Resultados globais das provas aferidas. E depois ... o que se segue?

Darlinda Moreira

Os resultados globais das provas aferidas fazem-me pensar, de imediato, na percentagem significativa de jovens que, apesar de irem à escola, estão afastados dos saberes e das competências básicas para aceder de forma crítica à informação da sociedade global da actualidade. Ao projectar estes dados no futuro, antevejo como gigantesca a tarefa de combater a iliteracia em Portugal, fazendo com que todos tenham sucesso na sua escolaridade básica, sobretudo se tivermos em conta que esta tende a ser alargada para doze anos.

Bem conhecemos os diferentes contextos humanos que subjazem a estes números e que nos mostram as muitas famílias que desejam e se esforçam para que os seus filhos frequentem a escola com sucesso, embora na prática tenham dificuldades, ou não saibam mesmo, como ajudá-los no percurso escolar, porque a sua experiência com a escolaridade foi ela própria reduzida, ou está esquecida. Estas realidades mostram-nos também que se a Matemática continua a ser mencionada pela sua dificuldade, a sua utilidade é, igualmente, reconhecida, apesar do repertório matemático para falar com os filhos ser praticamente inexistente, sobretudo a partir do 4º ano de escolaridade. Assim, constatamos que o sucesso escolar não pode contar com a ajuda das famílias, nomeadamente, por não encontrarem nas *vidas do lar* o que estudam na escola.

Em consequência, não é na corrida aos exames nacionais que se resolve o problema da iliteracia nacional. Antes, a alteração desta situação exige uma política educativa que aposte na criação de elos entre a instituição escolar e o local social, por um lado, e, por outro, em encontrar novas formas de mostrar as vantagens da literacia na sociedade actual, e muito especialmente, da literacia matemática. A dificuldade dos jovens em se entusiasmarem com a escolaridade e com a Matemática, em especial, é um problema que não se prende apenas com o facto de saberem ou não os conteúdos escolares, mas também com a possibilidade de os relacionarem com condições e experiências concretas, para que possam definir os seus objectivos de vida de forma a otimizar a sua participação social e facilitar a abertura do imaginário a outros elementos que estruturam a vida do século XXI.

Os resultados das provas aferidas interessam a todos. Por isso, a sua divulgação para a opinião pública, sem os dados terem sido devolvidos às escolas e comunidades — como aconteceu nestes dois últimos anos — é um acto que marginaliza os agentes educativos locais da procura de soluções para os seus próprios problemas. A escola tem de se transformar numa instituição cujos saberes sejam entendidos, por toda a população, como aliados na procura de alternativas credíveis de vida. Para isso, não só as práticas escolares têm de ser renovadas com dinâmicas bem informadas pelas concepções e tendências contemporâneas sobre o ensino e a aprendizagem da matemática, mas também é necessário uma intervenção sistemática da instituição escolar na procura de novos parceiros sociais para ajudar nesta tarefa. O desenvolvimento de acções de aprendizagem ao longo da vida e a construção de formas de familiarizar os grupos sociais com a escola, como por exemplo, alargando as actividades e as discussões escolares à comunidade são alguns dos exemplos daquilo que se pode e deve fazer.

Darlinda Moreira
Universidade Aberta